

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

5 e 14 de Novembro de 2022

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO – A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

## VIVA MARIA! / 1965

### Viva Maria

*Um filme de Louis Malle*

*Argumento:* Louis Malle, Jean-Claude Carrière / *Imagem (Eastmancolor, Panavision):* Henri Decaë / *Efeitos especiais:* Lee Zavits / *Cenários:* Bernard Evein / *Figurinos:* Ghislain Uhry, realizados por Pierre Cardin / *Música:* Georges Delerue / *Montagem:* Kenout Peltier, Suzanne Baron / *Som:* José B. Carles / *Interpretação:* Jeanne Moreau (*Maria I*), Brigitte Bardot (*Maria II*), George Hamilton (*Flores*), George von Rezzori (*Diogène*), Paulette Godbout (*a mulher de Diogène*), Claudio Brook (*Rodolfo*), Carlos López Moctezuma (*Rodriguez*), Francisco Reiguera (*o padre superior*) Poldo Bendandi (*Werther*), Jonathan Eden (*Juanito*) e outros.

*Produção:* NEF - Nouvelles Éditions de Films (Paris), Les Productions Artistes Associés (Paris), Vides (Roma) / *Cópia:* dcp, com legendas em francês nos diálogos em inglês e legendas electrónicas em português / *Duração:* 116 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Novembro de 1965 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 28 de Setembro de 1967 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 14 de Julho de 2008, no âmbito do ciclo “Eram os anos 60”.

\*\*\*\*\*

Na obra tão variada – deliberadamente variada – de Louis Malle é possível, estabelecer analogias e paralelos entre alguns filmes, que podem ser vistos como pares, devido a semelhanças temáticas e sobretudo formais. **Viva Maria!**, por exemplo, tem semelhanças com **Zazie dans le Métro**, na medida em que ambos podem ser definidos como comédias, com tramas narrativas que tem vários desdobramentos e nos quais Malle brinca com alguns géneros clássicos, a comédia burlesca do período mudo em **Zazie**, e em **Viva Maria!** o western e os filmes sobre a revolução mexicana, que por sinal são aparentados ao western.

Malle descreve a génese do filme da seguinte maneira: “A rodagem de **Le Feu-Follet** tinha sido muito deprimente. A meio dela, eu estava um dia sozinho no meu apartamento em Paris e disse-me a mim mesmo que o meu próximo filme seria um grande espetáculo, em Cinemascope e a cores. E escrevi as duas páginas do que viria a ser **Viva Maria!**. Tive a estranha ideia de juntar Brigitte Bardot e Jeanne Moreau. Mal sabia eu no que estava a meter-me” (note-se que Malle já tinha trabalhado com as duas atrizes). Pelo que se sabe, não houve conflitos entre as duas ou entre uma delas e Malle. Mas este meteu-se, de facto, numa rodagem complicada e trabalhosa, quase toda feita em cenários naturais em regiões recuadas do México, com as custosas dificuldades logísticas que isto implica, além de enormes custos de hospedagem para Moreau e Bardot, um enxame de jornalistas vindos do mundo inteiro (enviados pela United Artists, parceira da produção, para criar ruído sobre o filme antes mesmo deste estar pronto), atrás do menor gesto das duas vedetas. Além disso, a luz natural das regiões onde filmaram revelou-se muito mais dura do que no período em que Malle e o seu diretor de fotografia tinham feito *répérages*. Mas embora árdua, a rodagem fez-se sem incidentes e o filme atravessou muito bem o tempo, em todo o caso para o espectador que tenha alguma fantasia.

Ao juntar Moreau e Bardot no mesmo filme Malle raciocinou como realizador e não como produtor, isto é, não pensou em convidar duas vedetas para aumentar os lucros do filme mas sim em convidar duas atrizes que em tudo diferem, inclusive nas suas filmografias, pois em 1965 Jeanne Moreau já fizera filmes de grande prestígio artístico com Antonioni, Welles, Truffaut e o próprio Malle, ao passo que Bardot tinha uma filmografia bem menos nobre. A sutileza, a elegância, as capacidades de atriz de Jeanne Moreau contrastam fortemente com o ar ao mesmo tempo despachado e de boneca que caracteriza Bardot (que também tem uma capacidade indefinível de “acordar” em dados momentos e dominar o seu papel e a situação narrativa), que se tornou célebre como objeto sexual e também como símbolo da libertação da mulher (foi objeto de um ensaio de Simone de Beauvoir), não como grande atriz. E é exatamente por estes motivos que as duas completam-se tão bem em **Viva Maria!**,

pois na lógica de um filme sobre um duo feminino cada uma tem de ter um perfil definido e diferente do da parceira. A diferença importante com outros célebres filmes sobre duos femininos (como **Gentlemen Prefer Blondes** e **Les Demoiselles de Rochefort**) é que no filme de Malle as duas atrizes estão em pé de igualdade. Na segunda parte, as duas parecem antecipar o duo infernal de **Sedmikrásky/Jovens e Atrevidas**, realizado no ano seguinte por Vera Chytilová.

Uma vez tomada a “*estranha*” decisão de juntar Moreau e Bardot, Malle lembrou-se, para a escrita do argumento de publicações de aventuras que lera na sua infância e acrescentou a esta referência a ideia de fazer uma *pastiche* dos *buddie movies*, os filmes “de compinchas”, que formam quase um subgênero em Hollywood e o modelo que ele e seu argumentista Jean-Claude Carrière tomaram foi o western **Vera Cruz**, de Robert Aldrich (situado no México), em que Burt Lancaster e Gary Cooper formam um duo imbatível e que, como o filme de Malle, é um filme de viagem, de deslocamento. O jogo que consistiu em pôr duas mulheres na cabeça de cartaz de um subgênero tão masculino quanto o *buddies movies* é um dos elementos que dão solidez ao *pastiche* de Malle, que não se esqueceu de incluir no elenco conhecidos atores secundários mexicanos (que o espectador reconhece, ainda que lhes desconheça o nome), como Carlos López Moctezuma, que faz o papel do “general” Rodriguez, primo direito do General Alcazar e especialista em papéis de “mau”. Outro ator mexicano a dar relevo ao filme é Francisco Regueira, inesquecivelmente perfeito numa figura de padre mais detestável do que o que de mais acidamente anti-clerical poderia ter saído da cabeça de Luis Buñuel.

O argumento é dividido muito nitidamente em duas partes, de pouco menos de uma hora cada uma. Na primeira, seguimos uma *troupe* de cantoras, dançarinas e acrobatas; na segunda, levados por Maria I os saltimbancos passam a lutar contra a tirania. O filme é um *divertissement*, uma obra picaresca, em que situações dramáticas ou violentas são tratadas à maneira de uma brincadeira, como numa banda-desenhada ou num filme de animação. O tom leve que impera do primeiro ao último segundo tira qualquer tonalidade trágica à violência física, pelo contrário, dá-lhe tonalidades cómicas. Afinal, a violência está presente desde o início, pois tudo começa quando Maria II, em criança, é cúmplice do pai numa série de atentados à bomba. Como em **Zazie dans le Métro**, há diversos *gags* visuais que derivam diretamente do cinema de animação, como um tiro de fuzil à distância que corta a brasa de um charuto, que cai bem em cima do estopim da bomba que Maria II quer lançar, ou ainda o trecho em que o padre, decapitado por uma bomba, continua a caminhar, levando a própria cabeça nas mãos. Há também no filme o humor de situações, como quando Maria II resolve perder a virgindade (como todo revolucionário, o pai dela era um puritano): invertendo uma situação de perigo, ela entra no coche de três homens que seguiam as duas Marias com intenções pouco castas, reaparece na manhã seguinte com o vestido rasgado, marcas pelo corpo que não devem ter sido o resultado de pancadas e faz o seguinte comentário: “*Tinhas razão, o amor é maravilhoso*”... Talvez ainda mais divertido seja ouvir Bardot dizer a celebérrima frase de Proudhon “*a propriedade é o roubo*”. A própria cena de tortura das duas aventureiras torna-se divertida, pois as horrendas engenhocas não funcionam (“*desculpem, é que não servem há muito tempo*”), ao passo que a partir de certo ponto as crianças mexicanas passam a rezar “*Ave Maria y Maria*”. O primeiro número de palco das duas Marias juntas é cómico, devido à incompetência de Maria II, mas a partir daí todos os números musicais são excelentes: devido à exiguidade dos palcos, a coreografia consiste em lentos *strip teases*, mas a qualidade das canções é alta, o que não é surpreendente, posto que a música é de Georges Delerue, um dos mestres da música no cinema. Se a maioria dos espectadores da época, tal como os de hoje, acompanharam o filme como um alegre divertimento, alguns espectadores não o consideraram como nenhuma brincadeira oca. Malle conta que nos países europeus do bloco socialista o filme foi visto como uma metáfora do estalinismo. E veio a saber por Rainer Fassbinder que os estudantes berlineses de extrema-esquerda viram as duas heroínas como duas faces diferentes da luta política: Bardot como partidária da ação, da luta armada, do terrorismo; Moreau como aquela que tenta atingir os seus objetivos dentro da lei e sem violência. “*Claro que isto foi muito além das minhas expectativas de como o filme seria recebido*”, observou o realizador.

Antonio Rodrigues